

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **"TENHO UM ALUNO SURDO, E AGORA?" NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Paulo José Assumpção dos Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

[pejotassumpcao@gmail.com](mailto:pejotassumpcao@gmail.com)

Meu primeiro contato com alunos surdos se deu no susto. Era 2006 e eu estava assumindo uma segunda matrícula como docente na rede pública de ensino do município de Duque de Caxias (RJ). Quando da escolha da escola e da apresentação à direção da mesma não houve qualquer menção à existência de alunos surdos naquela unidade de ensino. Em meu primeiro dia de trabalho na escola, antes de entrar em sala de aula, conversava com meus novos colegas quando um deles informou que em minhas turmas havia alunos surdos. Foi nessa conversa que descobri também que estava em uma escola polo na educação de surdos daquele município. Para cada série dos anos finais do Ensino Fundamental havia uma turma com alunos surdos incluídos. Sem nenhuma informação prévia, sem conhecimentos sobre as pessoas surdas e sem qualquer preparo acadêmico para atuar junto a esses educandos, a pergunta foi inevitável: “Tenho um aluno surdo, e agora?”

De certo, tal questionamento não é somente meu. Desde o final do último século, movimentos sociais e políticas públicas, respaldadas pela legislação, vem preconizando a educação escolar para todos em unidades das redes regulares públicas ou privadas de ensino. Dados estatísticos demonstram que as matrículas de surdos nas escolas comuns superam as registradas nas escolas especiais (PINHO; MARIANI, 2017). Nesse contexto, ao assumirem turmas com alunos surdos, professores de diferentes disciplinas e segmentos do ensino ainda demonstram dúvidas, receios e inseguranças. “Tenho um aluno surdo, e agora?” é indagação recorrente, a ponto de ter motivado e servido de título a uma obra de referência nos estudos sobre a educação de surdos (LACERDA; SANTOS, 2014). Esse livro, vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura na categoria Educação, reúne uma série de artigos que procuram responder à questão, em linguagem clara e didática, enfatizando o conhecimento sobre os surdos e a Língua Brasileira de Sinais (Libras), indicando ainda possibilidades pedagógicas adequadas ao ensino desses sujeitos.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

A pergunta “Tenho um aluno surdo, e agora?” passou a mobilizar o meu fazer docente. A procura por respostas se deu recorrendo a colegas docentes mais experientes; aos conhecimentos de meus novos companheiros de trabalho – os Tradutores Intérpretes de Libras e Língua Portuguesa (TILSP) ou, simplesmente, intérpretes, como costumamos chamar no ambiente escolar; à parceria com as professoras especialistas do Atendimento Educacional Especializado (AEE); à literatura especializada e aos cursos ou eventos de formação continuada, incluindo o curso de Libras. Tal procura também pautou a escolha pelo objeto de pesquisa quando de meu ingresso, em 2016, no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGEH/UFRJ), vinculado ao ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História. Opção que se mostrou extremamente desafiante logo na designação de um professor orientador, uma vez que, àquela altura, no âmbito do PPGEH não havia um especialista sobre a temática, se fazendo necessária uma coorientação. A bem da verdade, os surdos e o ensino de surdos permanecem distantes das questões sobre as quais se debruçam os professores/pesquisadores que atuam nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História. A própria historiografia ainda ignora os surdos enquanto sujeitos históricos.

Pretendo aqui realizar um exercício de síntese da pesquisa realizada (SANTOS, 2018), no intuito de apresentar alguns subsídios que possam contribuir para o fazer docente dos professores de História junto a alunos surdos. Mas já fica a advertência de que “Tenho um aluno surdo, e agora?” é apenas a questão inicial, que se desdobra em muitas outras. Como ensinar sem um conhecimento prévio a respeito desses educandos, de suas peculiaridades, das abordagens didáticas mais adequadas e de noções (ainda que básicas) de Libras? Como ensinar uma disciplina que ainda se apoia fundamentalmente em narrativas orais e em textos escritos para sujeitos usuários de uma língua distinta, que apresentam dificuldades na compreensão da Língua Portuguesa? Como os surdos leem o mundo a partir dos sentidos que não a audição, quais recursos e estratégias podem ser utilizados capazes de mobilizar a aquisição de conhecimentos? Há especificidades no ensino de História que poderiam facilitar a aprendizagem dos alunos surdos? Quais as formas adequadas de mediação? Incluir a presença surda no estudo da trajetória humana poderia tornar a disciplina História mais atrativa para os surdos e contribuir para a

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

valorização desse grupo? Existem sinais para todos os conceitos de História? Nas classes regulares inclusivas, como promover o protagonismo dos alunos surdos nas aulas? De que maneira deve se dar a relação com o intérprete de Libras e outros profissionais da escola que também atuam junto a esses discentes? Diante das necessárias adaptações, dos conteúdos às estratégias, passando pelo ritmo impresso à aula e culminando com o uso de avaliações diferenciadas, como ficam os alunos ouvintes?

Para tentar dar conta dos problemas elencados, a pesquisa desenvolveu-se a partir dos seguintes objetivos: 1) Oferecer um produto didático que possa servir como suporte aos professores de História que atuam em turmas com alunos surdos incluídos, a fim de promover uma inclusão mais efetiva desses alunos; 2) Contribuir para as reflexões a respeito do ensino de História para alunos surdos incluídos em classes regulares; 3) Empreender um levantamento das pesquisas realizadas no Brasil a respeito desse ensino e 4) Historicizar e caracterizar as práticas de ensino de História nas turmas inclusivas do segundo segmento do Ensino Fundamental em uma escola pública da periferia do Rio de Janeiro, identificando problemas, sucessos e fracassos no processo ensino-aprendizagem da referida disciplina.

Estabelecidos os objetivos, busquei estruturar a pesquisa/dissertação a partir de um percurso que conduzisse à sua dimensão propositiva, elemento essencial em um trabalho acadêmico dos mestrados profissionais. O primeiro passo foi definir qual concepção de surdos estou partilhando. De acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 9,7 milhões de brasileiros, algo em torno de 5% da população, são pessoas com surdez (BRASIL, 2010). Entendo os sujeitos surdos de acordo com a visão socioantropológica (OLIVEIRA, 2012; SKLIAR, 2016; PERLIN, 2016). Nesta perspectiva, os surdos são entendidos para além da própria surdez. Aqui, a surdez não é concebida como deficiência ou déficit, mas como diferença. O foco deixa de ser a perda auditiva e passa à forma como os surdos comumente se expressam: o uso de uma língua de sinais, no caso do Brasil, Libras. O uso dessa língua visual-espacial permite aos surdos não só interagir socialmente, mas estabelece entre eles um elo, fator constituinte de uma identidade.

Skliar (2016) e Perlin (2016) vão além, ao pluralizar a identidade surda. O primeiro ressalta que também perpassam pelos surdos outras identidades, de fundo étnico,

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

social e de gênero, enquanto Perlin, utilizando características como o momento da vida em que os sujeitos se tornaram surdos, autorreconhecimento, uso de língua de sinais, integração com comunidades surdas e relação com a cultura hegemônica dos ouvintes, identifica pelo menos cinco identidades. Destaco as colocações destes autores para demonstrar o quanto é complexa a definição de surdo e que não é possível pensar nestes sujeitos como uma categoria homogênea. Logo, faz-se necessário um olhar mais acurado do educador às especificidades de cada aluno surdo, a partir do qual serão elaboradas, conduzidas e avaliadas suas práticas didáticas.

Outra definição basilar da pesquisa foi em relação ao contexto educacional para surdos abordado. Persiste o debate acerca de qual modelo de escola – especial ou inclusiva – seria o mais adequado aos alunos surdos, mobilizando a comunidade surda, professores, pesquisadores e fóruns de discussão. Polêmica reacendida pela nova Política Nacional de Educação Especial – PNEE (BRASIL, 2020)<sup>1</sup> e pela inclusão da educação bilíngue de surdos como modalidade de ensino na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB)<sup>2</sup>. No entanto, conforme os dados já apontados anteriormente, a maioria dos alunos surdos encontra-se matriculada nas escolas comuns brasileiras. Em vista disso, defendo que se faz mais urgente discutir em que condições ocorre a inclusão e como é possível otimizá-la.

Ao considerar a questão, Kelman (2011) enfatiza que incluir os alunos surdos em turmas comuns é apenas o início do processo de inclusão. Para que esse se efetive, a escola precisa ter profissionais capacitados, recursos adaptados e produção de conhecimento teórico a partir da experiência. E faz um alerta:

Se o aluno é colocado na classe regular, sem demonstrar habilidades para acompanhar os trabalhos propostos, sem ter uma língua estruturada e sem que a escola ofereça estratégias de flexibilização, quer de profissionais, quer de currículo, a inclusão pode se tornar um mecanismo perverso. (KELMAN, 2011, p. 189)

Nesse sentido, a pesquisa direcionou-se para investigar o que pode a disciplina História oferecer à promoção da inclusão escolar de alunos surdos. A fim de saber o que

---

<sup>1</sup> O Decreto 10.502/2020, que instituiu a nova Política Nacional para a Educação Especial, foi suspenso pelo Supremo Tribunal Federal. Tal decisão considerou a possibilidade de estudantes com deficiência não serem matriculados nas escolas comuns conforme priorizam a Constituição Federal e a LDB.

<sup>2</sup> Trata-se da Lei 14.191/2021, sancionada em 05/08/2021, a partir do Projeto de Lei 4.909/2020, de autoria do senador Flávio Arns.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

já indicavam as pesquisas realizadas a respeito dessa temática, empreendi um levantamento bibliográfico em busca das mesmas. Embora a maior parte da pesquisa tenha sido realizada pela internet, consultei também o acervo de bibliotecas físicas, como a do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da UFRJ. Entre os endereços eletrônicos, procurei por títulos no Google Acadêmico (*Google Scholar*), no banco de teses e dissertações da Fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e nos portais de periódicos SciELO e do INES. Nestes ambientes virtuais, as buscas foram realizadas utilizando os descritores “Ensino de História” e “Surdos/Surdez”. Contribuíram ainda para a localização das publicações as referências bibliográficas dos próprios textos encontrados e informações fornecidas nos currículos da Plataforma Lattes de seus autores.

Na pesquisa realizada, encerrada em 2018, identifiquei a existência de vinte e quatro produções acadêmico-científicas que versam sobre o ensino de História para alunos surdos: três dissertações, uma monografia, um trabalho de conclusão de curso (TCC), quatorze artigos, três comunicações e um resumo expandido. Em uma atualização deste levantamento, consegui identificar até a presente data (2021), sessenta e quatro produções: onze dissertações, cinco monografias/TCC, um livro, três capítulos de livro, trinta artigos e quatorze outros trabalhos (comunicações, resumos expandidos, publicações em anais de eventos). Apesar de alguns títulos encontrados na nova busca serem anteriores a 2018, parte significativa deles concentra-se nos três últimos anos, revelando um incremento nas pesquisas sobre o ensino de História para surdos. Isso se deve, em grande medida, ao ProfHistória.

Das onze dissertações já defendidas, oito são do ProfHistória (MATTOS, 2016; SANTOS, 2018; PADOVANI NETTO, 2018; STIPP, 2019; LAMEIRÃO, 2020; RODRIGUES, 2020; SILVA, 2020; SILVA, 2021). Delas derivam o livro (PADOVANI NETTO, 2019) e diversas das publicações levantadas. O programa conta ainda com pelo menos mais uma pesquisa sendo desenvolvida por Indinéia Ramos Paixão, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Esses dados colocam o ProfHistória como um núcleo aglutinador e ponta de lança nos estudos referentes ao ensino para surdos no campo disciplinar da História. Vale destacar que os mestres e mestrandos do ProfHistória são professores da Educação Básica, o que revela uma preocupação desses docentes com

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

a necessidade de desenvolver métodos de ensino e estratégias pedagógicas mais adequadas aos educandos surdos. Assim, o programa vem cumprindo seu papel de estabelecer uma ponte entre as práticas e saberes da escola e a universidade, sensibilizando o meio acadêmico de História com as questões mobilizadas pelas especificidades e necessidades dos discentes surdos.

O movimento seguinte da pesquisa foi de escuta dos professores de História que atuavam em uma escola comum com alunos surdos incluídos, localizada no município de Duque de Caxias (periferia da Região Metropolitana do Rio de Janeiro). Fazendo uso do instrumental metodológico da História Oral (FERREIRA & AMADO, 2006; ALBERTI, 2013), entrevistei quatro professores entre os meses de outubro e dezembro de 2017, a partir de um roteiro previamente estabelecido e de acordo com o formato diretivo, definido por Alberti (2013) como aquele que é feito à semelhança de um diálogo, dando a maior liberdade para o entrevistado expressar as suas opiniões. Examinei as narrativas contidas nos depoimentos à luz da Análise Temática de Conteúdo (MINAYO, 2010). Cabe ressaltar que, por envolver interação com seres humanos, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP/CFCH/UFRJ), tendo sido aprovada conforme o parecer número 2.316.578 emitido pelo referido comitê.

Ao analisar as falas dos professores pude identificar uma série de desafios que atravessam o ensino de História para alunos surdos incluídos em classes regulares: a formação inicial datada e deficitária, na qual questões conceituais e pedagógicas a respeito das especificidades da surdez ainda estão ausentes; a oferta de formação continuada pelas redes de ensino inexistente ou fora da carga horária do professor; as (então) poucas pesquisas sobre ensino de História para alunos surdos e o desconhecimento das existentes por parte dos docentes; a falta de um acolhimento e suporte informativo aos professores que iniciam o seu trabalho com os discentes surdos; a relação professor docente-intérprete de Libras marcada por dependência, confusão de papéis e tensões (considerando que haja a presença desses últimos profissionais); o analfabetismo da maior parte dos professores de História em Libras; a distância entre a concepção de ensino de História e as práticas do professor; a invisibilidade do aluno surdo (KELMAN; BUZAR, 2012), acentuada pela ausência da história das pessoas com surdez

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

dos livros didáticos e conteúdos curriculares da disciplina; a falta de recursos didáticos tecnológicos e/ou as dificuldades encontradas para deles fazer uso; o pouco intercâmbio entre docentes e entre esses e os professores especialistas do AEE. Os depoimentos dos entrevistados também apontaram para a necessidade de um material de suporte ao docente que busquei materializar no produto didático.

Importante ressaltar que os desafios elencados assustam e podem até intimidar aqueles que venham a lecionar para alunos surdos. No entanto, são apresentados a fim de que, uma vez detectados, possam ser devidamente enfrentados. Enfrentamentos que não cabem somente aos professores. Os cursos universitários, particularmente de História, precisam incentivar pesquisas e incluir em suas grades curriculares disciplinas voltadas a discussões teórico-metodológicas a respeito do ensino para sujeitos surdos. Gestores das escolas e redes de ensino devem propiciar tempo e espaços para a formação continuada de seus profissionais, bem como investir em recursos materiais e humanos que possibilitem a inclusão escolar com a qualidade que lhe é implícita. Quanto aos docentes, precisam ser sensíveis aos alunos surdos, se apropriando das questões referentes à surdez, realizando as adaptações necessárias ao fazer docente que a presença surda exige e compartilhando aquelas já feitas.

Uma vez que os relatos dos professores entrevistados não indicaram estratégias de ensino diferenciadas para alunos surdos em classes inclusivas, destaquei e analisei aquelas que pude realizar em minha prática docente junto a esses educandos: o Roteiro Imagético, o Resumo Bilíngue e as avaliações acessíveis. Tais experiências pedagógicas relacionam-se às duas vertentes metodológicas sobre as quais fundamenta-se o ensino para surdos: a pedagogia visual (KELMAN, [2012]; ALMEIDA, 2013; LACERDA; SANTOS; CAETANO, 2014; LEBEDEFF, 2017) e o bilinguismo (OLIVEIRA, 2012; ALMEIDA, 2013; GARUTTI-LOURENÇO, 2017). Em linhas gerais, a pedagogia visual concerne ao emprego de recursos visuais como suporte à construção de conhecimento junto aos educandos surdos. Essa abordagem considera a importância da visão para as pessoas surdas. Já o bilinguismo refere-se ao uso de duas línguas no contexto e nos processos educacionais escolares daqueles discentes. A saber, a língua de sinais utilizada pelos estudantes surdos (no Brasil, Libras) e a língua oral da sociedade majoritária (em nosso caso, o Português). Nesse modelo pedagógico, a língua de sinais tem primazia no

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

processo ensino-aprendizagem. Por meio dela são ensinados os conteúdos e os alunos surdos tem acesso à outra língua, mais voltada ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

O Roteiro Imagético é um recurso diferenciado que considera a eminência da experiência visual dos surdos. Trata-se de um conjunto de imagens sobre um tema específico que é utilizado como condutor da narrativa da aula. Ele inverte o uso tradicional das imagens nas aulas de História (que costumam ser apresentadas para ilustrar, exemplificar ou comprovar a fala do professor e dos textos utilizados), tornando-as o ponto de partida e não o de chegada. Na dissertação, proponho que a leitura de imagens seja realizada a partir das etapas de análise imagética de Didi-Huberman (2005). Considero que o Roteiro Imagético ainda tem potencial para promover a participação e o protagonismo dos alunos surdos (e ouvintes), uma vez que a construção do conhecimento é realizada a partir da descrição das imagens por eles realizadas.

Quanto ao Resumo Bilíngue, trata-se de um material em vídeo no qual é apresentado o resumo de um conteúdo específico em Libras, com legendas em português. A produção do material, incluindo pesquisa, roteiro, filmagem, edição e legendagem fica a cargo dos alunos – surdos e ouvintes –, cabendo ao professor o papel de mediador da atividade. Em uma proposta de codocência (COSTA; KELMAN, 2018), professores do AEE, professores/instrutores de Libras e intérpretes participam do planejamento junto ao professor regente e prestam suporte quanto ao vocabulário e uso apropriado da língua de sinais. O Resumo Bilíngue admite uma série de usos pelo professor de História: estratégia didática ao promover a pesquisa de conteúdos e sinais; instrumento de avaliação da aprendizagem de uma unidade curricular; material de estudo para os alunos surdos. Importante destacar que a prática pedagógica analisada na dissertação contou com alunos ouvintes como apresentadores do resumo. Esses, ao sinalizar, puderam vivenciar, ainda que por breves instantes, a experiência de se comunicar de uma outra forma. Desta forma, acredito que a proposta também pode contribuir para potencializar a empatia e promover a interação entre os sujeitos da escola inclusiva.

Em relação às avaliações acessíveis, sinalizo que elas precisam ser pautadas pelo que se encontra estabelecido no Decreto 5.626, de 2005, que regulamenta a Lei 10.436, de 2002 (ambos documentos capitais quanto aos direitos da pessoa surda no Brasil). Nesta

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

direção, o docente deve ser sensível às dificuldades dos alunos surdos quanto ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita em Língua Portuguesa. Nos instrumentos de avaliação escrita, convém optar por questões de natureza objetiva, com enunciados e alternativas/respostas formados por frases curtas e diretas. As questões dissertativas, tão comuns no ensino de História, não precisam ser abolidas, mas há que se adotar critérios de correção diferenciados. Esses devem priorizar a verificação da ocorrência de aprendizagem, sem deter-se em um rigoroso exame do emprego correto de regras gramaticais (UGRINOWITSCH, 2003).

A partir de minha prática, ofereço ainda propostas de instrumentos de avaliação alternativos em Libras: o vídeo-teste e a vídeo-prova. O primeiro consiste em um conjunto de questões apresentadas em Libras, com legendas em Língua Portuguesa e imagens a elas associadas. Com o uso de um *notebook* ou mesmo de um *smartphone*, os alunos tem acesso às questões que respondem em Libras, com o processo gravado para posterior avaliação pelo professor. Alunos ouvintes também podem ser avaliados por esse instrumento, com possibilidade de responder oralmente em Língua Portuguesa. Cabe registrar que, em minha experiência, encontrei pouca resistência dos estudantes ouvintes a esse modelo de avaliação, por meio da qual têm obtido bons resultados, corroborando a constatação de que as adaptações exigidas pela educação inclusiva podem gerar benefícios para todos os alunos. Já a vídeo-prova pode ser definida como um suporte às provas escritas, tornando-as mais acessível aos estudantes surdos, semelhante ao modelo utilizado na aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), desde 2017.

O estado da arte das produções acadêmico-científicas referentes ao ensino de História para surdos, a análise dos depoimentos dos professores de História que atuam em classes inclusivas e a reflexão sobre práticas pedagógicas, brevemente apresentadas acima, subsidiam a dimensão propositiva da pesquisa/dissertação, um material de suporte aos docentes (e futuros docentes) de História, denominado *Caderno de orientações e sugestões para o ensino de História em classes inclusivas com alunos surdos*. Esse produto foi dividido em sete seções: “Apresentação”, na qual expressei as motivações que levaram à criação do dispositivo didático; “Quem é o (aluno) surdo?”, onde procuro apresentar esses sujeitos, definindo conceitos-chave relacionados à surdez, fundamentais para que o docente possa desenvolver o seu trabalho a partir do conhecimento das

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

singularidades de tais educandos; “Uma breve história dos surdos”, no qual disponibilizo alguns dados que tanto complementam a seção anterior como permitem uma aproximação da possibilidade de inclusão da história dos surdos aos conteúdos curriculares de História. Atualmente, realizo pesquisas no sentido de desenvolver essa questão.

A seção “Diretrizes para o trabalho com alunos surdos”, abre o setor do caderno mais direcionado à prática docente, onde apresento uma série de orientações que considero fundamentais às práticas dos professores de História junto a educandos surdos. São elas: aprender e usar Libras; atentar para a presença de alunos surdos a partir do planejamento das aulas, programando ações que contemplem as especificidades desses discentes; pesquisar sobre os surdos e o ensino (de História) para tais sujeitos; utilizar estratégias e recursos pedagógicos diferenciados; promover a participação e a integração entre todos os alunos; redobrar os cuidados com a didática; considerar o aluno surdo na escolha do livro didático (nesse caso, nem sempre o que apresenta um texto de melhor qualidade é o mais adequado); ter respeito linguístico; compartilhar experiências e lutar pela inclusão.

O caderno segue com a seção “Compartilhando estratégias diferenciadas de ensino e avaliação”, por sua vez, subdividida em “Roteiro Imagético”, “Resumo Bilíngue (Língua Brasileira de Sinais/Língua Portuguesa)” e “Avaliações acessíveis”, onde são apresentadas as experiências pedagógicas já abordadas aqui, ressaltando-se a potência que contém para possibilitar o acesso dos discentes surdos aos conteúdos, à participação e às avaliações; a abrangência aos ouvintes e a viabilidade para serem aplicadas em outros contextos inclusivos.

Encerram o material mais duas seções. “Publicações sobre ensino de História para alunos surdos”, setor em que elenco os mais relevantes desses estudos (à época), cada qual acompanhado por um resumo e sua localização na internet para consulta dos interessados; todos os demais títulos referentes ao tema encontrados em minha pesquisa constam no primeiro item da última seção “Referências do caderno”, na qual figuram ainda outras leituras que fundamentam as informações contidas no produto. Ainda nesse último item, disponibilizo alguns endereços eletrônicos que creio sejam úteis aos professores de História que atuam na educação de surdos.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

*O Caderno de orientações e sugestões para o ensino de história em classes inclusivas com alunos surdos* não deve ser entendido como um guia inflexível, pois foi construído a partir de pesquisas e práticas específicas. Tampouco tem a pretensão de suprir lacunas da formação docente e apresentar soluções para todos os problemas que envolvem o ensino de História para alunos surdos incluídos. Trata-se, pois, de um material que visa esclarecer, sensibilizar e orientar os docentes. O caderno pretende oportunizar ao professor a possibilidade de ver os surdos a partir de uma perspectiva que não a da piedade ou do descrédito. As estratégias de ensino e avaliação diferenciadas, originárias da prática docente, são compartilhadas com o intuito de que a inclusão de alunos surdos possa ser encarada como possível, mesmo em meio às adversidades. Acredito que as sugestões apresentadas, mais do que replicadas, possam servir de inspiração para diferentes respostas à pergunta: “Tenho um aluno surdo, e agora?”

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALMEIDA, Simone D’Avila. A utilização da pedagogia visual no ensino de alunos surdos: uma análise do processo de formação de conceitos científicos. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. 8., 2013, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2013, p. 3626-3635. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT16-2013/AT16-014.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico**, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 27 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.

COSTA, Renata dos Santos; KELMAN, Celeste Azulay. A atuação do professor intérprete de Libras em escolas do estado do Rio de Janeiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7., São Carlos, 2016. **Anais eletrônicos...** Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.galoa.com.br/cbee7/trabalhos/a-atuacao-do-professor-interprete-de-libras-em-escolas-do-estado-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DIDI-HUBERMAN, George. A história da arte nos limites da sua simples prática. In: **Diante da imagem**. Questão colocada aos fins de uma história da arte. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 19-68.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GARRUTTI-LOURENÇO, Érica Aparecida. Bilinguismo para surdos e inclusão escolar: a busca por um caminhar articulado. In: MARTINS, Edna; CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Na trilha da inclusão: deficiência, diferença e desigualdade na escola**. São Paulo: Alameda, 2017.

KELMAN, Celeste Azulay. **A importância da pedagogia visual no ensino para o aluno surdo** – Relatório final da pesquisa (Edital FAPERJ n. 21/2010/Processo E-26/110.105/2011). [Rio de Janeiro, 2012].

\_\_\_\_\_; BUZAR, Edeilce Aparecida Santos. A (in) visibilidade do aluno surdo em classes inclusivas: discussões e reflexões. **Espaço**, p. 4-13, Rio de Janeiro: INES, n. 37, jan./jun. 2012.

\_\_\_\_\_. Significação e aprendizagem do aluno surdo. In: MARTINEZ, Albertina Mitjáns-Martinez; TACCA, Maria Carmen (Org.). **Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldades e deficiências**. Campinas: Alínea, 2011, v. 01, p. 173-206.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Orgs.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos; CAETANO, Juliana Fonseca. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. (Orgs.) **Tenho um aluno surdo, e agora?** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 185-199.

LAMEIRÃO, Tuanny Dantas. **Imagens, Ensino de História e Surdez: como a história é vista nas imagens históricas pelos surdos**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2020.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar (Org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017

MATTOS, Camila Oliveira. **Sinais do tempo: construção de significados de tempo histórico para alunos surdos em uma perspectiva de letramento histórico em Libras**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OLIVEIRA, Liliane Assumpção. **Fundamentos Históricos, Legais e Biológicos da Surdez**. Curitiba: IESDE Brasil S. A., 2012.

PADOVANI NETTO, Ernesto. **Ensino para diferentes sujeitos: as aulas de História e a inclusão de alunos surdos na rede regular de ensino**. Belém: Paka-Tatu, 2019.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

\_\_\_\_\_. **Ensino para diferentes sujeitos:** o acesso de alunos surdos às aulas de História. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018.

PERLIN, Gladis T. T. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 51-74.

PINHO, Angela; MARIANI, Daniel. Redução de ‘novos surdos’ e evasão explicam tema da redação do Enem. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 nov. 2017, Educação. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/11/1934293-reducao-de-novos-surdos-e-evasao-explicam-tema-da-redacao-do-enem.shtml>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RODRIGUES, Carla Renata Vieira. **Cidadania e igualdade como projeto: o Ensino de História em uma escola inclusiva.** 2020. 205 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

SANTOS, Paulo José Assumpção dos. **Ensino de História para alunos surdos em classes inclusivas: práticas e propostas.** 2018. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SILVA, Laionel Mattos da. **Ensino de História para surdos: Porongos, vamos jogar?** 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.

SILVA, Paulo Roberto Martins da. **Ensinando História para educandos surdos em uma escola inclusiva: um ensino possível.** 2020. 296 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 7-32.

STIPP, Paulo Eduardo de Mattos. **A História muda: o uso de imagens no ensino de História para surdos.** 2019. 175 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

UGRINOWITSCH, Mônica. Reflexões de uma professora de História sobre o desenvolvimento linguístico em alunos surdos e ouvintes. **Arqueiro**, Rio de Janeiro: INES, v. 7, p. 31-39, jan./jun. 2003.